

## **Sobre a distinção entre intelecto especulativo e intelecto prático na Psicologia Tomista**

### **On the distinction between speculative intellect and practical intellect in Thomistic Psychology**

Willian Kalinowski<sup>1</sup>

#### **Resumo**

Neste trabalho pretendemos investigar o que é o intelecto, seu objeto e ato próprio, a partir da Psicologia Tomista. Além disso, iremos analisar a distinção entre intelecto especulativo e intelecto prático presente no *Tratado De Homine* da *Prima Pars* da *Suma Teológica* de Santo Tomás de Aquino. Assim, pretendemos apresentar a importância do conhecimento do bem como princípio dos hábitos humanos.

#### **Palavras-chave**

Psicologia Tomista. Tomás de Aquino. Intelecto. Intelecto prático.

#### **Abstract**

In this work we intend to investigate what the intellect is, its object and act itself, based on Thomistic Psychology. Furthermore, we will analyze the distinction between speculative intellect and practical intellect present in the *Treatise De Homine* of the *Prima Pars* of the *Summa Theologiae* of Saint Thomas Aquinas. Thus, we intend to present the importance of knowledge of the good as a principle of human habits.

#### **Keywords**

Thomistic Psychology. Thomas Aquinas. Intellect. Practical intellect.

---

<sup>1</sup> Autor do livro "Sobre o intelecto e as virtudes intelectuais em Santo Tomás de Aquino". Professor visitante na Faculdade Vicentina de Curitiba. Professor do Instituto de Psicologia Tomista (2023 -). Doutorando em filosofia na Universidade Federal de Pelotas (2022 -). Mestre em Filosofia na Universidade Federal de Pelotas. (2020 - 2021). Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (2016 - 2019). Professor de cursos livres na escola São Francisco de Assis, em Pelotas, RS (2018 - 2022). Professor de curso on-line de filosofia (2020 -). Fundador da Confraria São Tomás (2022 -). Membro pesquisador da Sociedade Brasileira para o estudo da Filosofia Medieval. Pesquisador no Grupo de pesquisa (Santo Tomás de Aquino) cadastrado no CNPQ. Membro do grupo de estudos de Filosofia Medieval na Universidade Federal de Pelotas. Editor assistente da Revista Seara Filosófica (2022- 2023). Editor assistente da Revista Thomistica - Revista da Pós-graduação em Filosofia Tomista na Faculdade Vicentina. Membro do Conselho Científico do Instituto De anima (2023 -). E-mail: [willianka2013@gmail.com](mailto:willianka2013@gmail.com)

## Introdução

Neste trabalho iremos considerar que além de nos permitir chegar a conhecer a natureza humana em sua vasta obra, especialmente na sua obra *Suma Teológica*, São Tomás de Aquino atribui uma importância capital à discussão que nos propomos investigar ao longo desta pesquisa, isto é, sobre a importância do ato reto do intelecto (*intellectus*) para a vida humana como um todo e, sobretudo, para a vida operacional, no agir humano,<sup>2</sup> visto que é por meio do intelecto, do seu ato final – que é conhecer a verdade – que o homem não só se conhece enquanto homem, mas, conhece para o que existe, isto é, qual sua causa final e qual o seu dever ser.

Assim como todos os homens, por natureza, desejam saber a verdade, também neles é natural o desejo de fugir dos erros e de os refutar quando têm essa capacidade. Ora, dentre outros erros, o mais aberrante parece ser o erro através do qual se erra a respeito do intelecto, pelo qual somos capacitados por natureza a, afastados os erros, conhecer a verdade. (TOMÁS DE AQUINO, 1999, p. 1).

Não podemos deixar de colocar de saída este princípio: na visão de Santo Tomás, o intelecto é a faculdade mais elevada da alma humana. Logo, seu papel é central na essência da felicidade do homem, que é o que buscamos. Porque a felicidade consiste fundamentalmente no exercício da dimensão mais elevada do homem. E esta é a intelectual. Por isso, um erro com respeito ao intelecto implica como consequência um erro grave no juízo sobre aquilo que aperfeiçoa e plenifica. Por essa razão, com seus erros sobre a natureza do intelecto, a psicologia e a teoria do conhecimento moderna e contemporânea fecham o caminho à plenitude do ser humano, que, no entanto, é o que parece buscar (ECHAVARRÍA, 2021).

O que é o intelecto? O intelecto é a potência da forma humana que apreende o ente e a sua essência, segundo Tomás de Aquino. O intelecto é aquilo que é principal na pessoa humana. O intelecto considera a essência das coisas, mas antes de tudo, apreende o ente, que é aquilo que tem ser, *quod quid est*. Por isso, se diz que a apreensão do ente é uma noção primeira, evidente e indemonstrável, pois é sobre ela que se fundamenta tudo o mais: *a unidade, a verdade e a bondade*. Em outros termos, os transcendentais são propriedades dessa noção primeira e fundamental, o ente: “Nossa inteligência conhece naturalmente o ser e tudo aquilo que pertence ao ser enquanto tal; e neste conhecimento se fundamenta o conhecimento dos primeiros princípios” (TOMÁS DE AQUINO, 2017, L. II, C. LXXXII). Calderón (2011), em seu *Umbrales de la Filosofía*, nos diz algo semelhante:

Como poderíamos medir o intelecto? Por seu objeto, diríamos. O objeto da vista é a cor e do ouvido é o som. Qual é o objeto do conhecimento espiritual próprio e exclusivo do homem? Segundo a linguagem, por meio da qual comunicamos tudo o que conhecemos, nos permite responder rapidamente: por sua inteligência o homem conhece “o que é”. Assim como a vista somente vê a cor, mas distinguindo uma cor de outra vê a extensão, a forma, o movimento e tantas outras coisas, assim

---

<sup>2</sup> São Tomás de Aquino (1999, 2001, 2001-2006, 2023) expõe sua doutrina sobre a alma humana em diversas partes de várias de suas Obras. Porém é na primeira parte de *Suma Teológica*, bem como em livros como *Sentencia in Aristotelis libri De Anima, O ente e a essência, Cuestiones disputadas sobre el alma* que podemos encontrá-la com mais facilidade. O conjunto de suas Obras, ou *Opera Omnia*, pode ser localizado no site: <http://www.corpusthomicum.org/>.

também a inteligência conhece tudo como coisas “que são” segundo seus modos. O próprio do homem, então, é conhecer “o que é” (CALDERÓN, 2011, p. 34, tradução minha).

Tão importante para o homem é essa potência, que, de certo modo, se define por ela. É próprio da pessoa humana conhecer o que é. Todavia, como veremos agora, para melhor compreendermos o que é a potência do intelecto, São Tomás apresenta uma importante distinção. Essa mesma potência possui duas operações distintas, uma que apreende o ente enquanto verdadeiro, e outra, que apreende o ente enquanto verdadeiro e bom. É a distinção entre o intelecto especulativo e o intelecto prático.

### **Sobre a importante distinção entre o intelecto especulativo e intelecto prático**

Conforme lemos na questão 79, artigo 11, da *Prima Pars* da *Summa Theologiae*, o intelecto humano pode apreender do ente dois aspectos (operações, funções) diferentes: 1) teórico, especulativo, que considera o ente enquanto verdade; 2) o outro, prático, que busca compreender a obra, o fim, o bem, a perfeição do ente apreendido, e esse conhecimento dá possibilidades da obra, da ação, tanto do ponto de vista prático humano, quanto do ponto de vista técnico: “E nisto está a diferença entre o intelecto especulativo e o prático; o que aquele apreende não se ordena à operação, mas só à consideração da verdade; ao passo que, o apreendido, por este se ordena à operação” (TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, 2001-2006, I, q. 79, a. 11, resp).<sup>3</sup>

É importante considerarmos que não se trata de duas potências distintas, mas, de duas funções de uma mesma potência. A distinção aqui é de razão, não é uma distinção real, na coisa, pois verdade e bondade são, em verdade, nada mais que convergentes no ente, são modos *generalissimus* de falar do ente, mas, estando no intelecto, por meio de outro nome, expressam e dizem algo diferente do nome “ente”.<sup>4</sup> É uma distinção nocional, isto é, é o mesmo ente que é apreendido, pelo mesmo intelecto, no entanto de modos distintos.

Sendo o *intellectus* uma única potência e tendo um único objeto, que é o ente, pode se diversificar pelos diversos aspectos com que observamos o ente. Assim como meus olhos que podem agora ver o teclado o fazem sob diversos aspectos: a cor, as letras, os números etc., do mesmo modo, se o ente for observado sob sua condição de verdade, ele é o objeto do *intellectus speculativus*, se o ente for observado sob o aspecto de bem, ele será objeto do *intellectus practicus*. Escreve Santo Tomás:

O intelecto prático e o especulativo não são potências diversas. E a razão é que, como já se disse antes, o acidental, em relação ao aspecto do objeto a que se refere uma potência, não diversifica a esta. Assim, é acidental ao colorido ser homem, grande ou pequeno; por isso, tais acidentes são apreendidos pela mesma potência visiva. Ora, é acidental ao que é apreendido pelo intelecto ser ou não ordenado à operação. E nisto está a diferença entre o intelecto especulativo e o prático; o que aquele apreende não se ordena à operação, mas só à consideração da

---

<sup>3</sup> Doravante, as citações da Suma Teológica serão abreviadas pela sigla ST seguida da parte, questão e artigo, ficando subentendido o nome do Autor, São Tomás de Aquino.

<sup>4</sup> Em um sentido específico, o lógico, Santo Tomás define os transcendentais como “algumas coisas que se dizem como acréscimo ao ente, enquanto exprimem um modo dele que não se exprime pelo nome ‘ente’” (*De veritate*, q. 1, a. 1, resp).

verdade; ao passo que, o apreendido, por este se ordena à operação. E, por isso, o filósofo diz que o fim especulativo difere do prático; por onde, denominados pelos seus fins, um se chama intelecto especulativo; o outro, prático, i. é, operativo (ST, I, q. 79, a. 11, resp).

No entanto, como vimos, para Santo Tomás, essa divisão não permite falar de duas potências distintas – também não falamos de dois olhos distintos - ao contrário: trata-se de uma distinção que se baseia na razão de a potência estar ou não ordenada à operação. De qualquer sorte, ao que é apreendido pelo intelecto, ser ou não ordenado à operação, é algo meramente accidental ao próprio ato do intelecto. De fato, a diferença entre intelecto especulativo e prático consiste nisto: aquilo que o intelecto especulativo apreende não se ordena à operação, mas apenas à consideração da verdade, por outro lado, o apreendido pelo intelecto prático se ordena à operação. Todavia, do ponto de vista da adequação teleológica, o apreendido pelo intelecto prático ainda não é aquela operação que tem por fim a obra em si mesma, mas que prepara o intelecto a entender o bem daquele ente, que é condição para operação, isto é, o conhecimento da coisa sob seu aspecto de bem. E do ponto de vista técnico ou artístico, o intelecto prático conhece o bem ou fim que deverá ser feito em uma obra concreta, uma casa, por exemplo. Ora, aqui, como em todo texto de nossa pesquisa, parece-nos salutar enfatizar o seguinte princípio: todo ser que age, age em vista do fim e do bem. Ademais, ainda mais o homem, pois é deste conhecimento - do fim e do bem - que depende a vontade querer e mover as outras potências a realizar seu ato ou não.

Antes de tudo, temos que considerar, que o intelecto especulativo é uma função da potência intelectiva que tem por fim o conhecimento da verdade do ente. Embora, Santo Tomás, citando o livro III do *De Anima*, de Aristóteles (2006), afirme que o intelecto especulativo, de certo modo, por extensão, se torna o prático, pois o aspecto do ente que é apreendido pelo intelecto especulativo, que é a verdade do ente, acaba se tornado outra noção no ato do intelecto prático, contudo, o intelecto especulativo apreende o ente sob o aspecto de sua existência e verdade: “O objeto do intelecto especulativo é a verdade” (ST, I, q. 79, a. 11, resp. ad 2). A cognição realizada pelo intelecto especulativo tem por fim a verdade absoluta, conforme diz Santo Tomás no *De veritate*, q. 3, a. 3.

Ao analisar o intelecto prático, vemos que o intelecto conhece o ente, mas conhece mais, conhece qual seu bem, isto é, aquele bem que o ente tem: “Mas o bem do intelecto prático não é a verdade absoluta, mas a verdade que se confessa ter” (TOMÁS DE AQUINO, 1969, *In Ethic.*, L. VI, L. II, n. 7). É para isso que essa função do intelecto existe. O intelecto prático apreende a realidade sob seu aspecto de bem, ele vê os entes naquilo que eles têm de fim. Mais do que saber para o que serve uma coisa, o intelecto prático apreende o ente para saber qual seu fim, para onde se encaminha sua operação. Para o conhecimento teleológico humano, saber qual o fim de um ente é de extrema importância para podermos nos relacionar ordenadamente com esse ente e agir bem em relação a ele:

Ora, há dupla ordem de fins: a da intenção e a da execução, e em ambas é necessário haver algo de primordial. Pois, o primordial, na ordem da intenção, é como o princípio motor do apetite, eliminado o qual, o apetite por nada seria movido. E quanto à execução, é primordial o princípio que faz a operação começar, subtraído o qual, nada começaria a operar nada (ST, I-II, q. 1, a. 4, resp).

Esse conhecimento do fim é o que ordenada a escolha dos meios. Ora, isso é extremamente importante para que a pessoa humana possa agir como uma pessoa humana, como escreve Abreu (2023):

Colocar a inteligência no centro da personalidade é compreender que a pessoa humana tem uma ordem natural que precisa ser preservada para que ela se desenvolva. A inteligência no topo da personalidade é o que vai direcioná-la então para as escolhas melhores justamente porque esta potência superior busca encontrar o verdadeiro e distinguir o falso, após esse movimento a inteligência informa à vontade o bem que deve ser escolhido, a vontade após ser informada pela inteligência, vai ao encontro do bem informado pela inteligência e ao mesmo tempo pacifica as paixões. Assim uma pessoa vai fazer algo que é propriamente humano que é entender e querer (ABREU, 2023, p. 71).

Isso nos é permitido, pois o intelecto é capaz de conhecer o bem. Contudo, cabe distinguir que há duplo conhecimento do bem: um conhecimento especulativo e outro prático. Segundo o Aquinate, a) temos um conhecimento do bem que é apenas especulativo, quando queremos conhecer o bem para sabermos sua natureza, b) temos um conhecimento prático do bem quando o conhecemos para agir ou para operar (TOMÁS DE AQUINO, *De veritate*, q. 3, a. 3, resp. ad 9).

Além disso, nesse contexto, nos parece pontual notar que a verdade é anterior ao bem, algo é bom porque é verdadeiro e não vice-versa. Nosso *intellectus practicus* se apoia na verdade conhecida sobre o aspecto de especulação, mas vai além, e procura compreender o ente sobre o seu modo de bem, do ponto de vista prático: “O intelecto prático, como o especulativo, conhece a verdade, mas ordenando a verdade conhecida para a operação” (ST, I, q. 79, art. 11, resp. ad 2). E ainda mais: “Pois, o objeto do intelecto é mais simples e absoluto que o da vontade, porque é a noção mesma do bem desejável; ao passo que o objeto da vontade é o bem desejável, cuja noção está no intelecto” (ST, I, q. 82, art. 3, resp.).

Por isso, como escreve Garrigou-Lagrange: “*Tan elevada idea tiene Santo Tomás de esta primera mirada de la inteligencia sobre el bien*” (GARRIGOU-LAGRANGE, 1944, p. 338). Ora, isso é de suma importância, pois toda a vida operacional boa, que é ordenada para o fim, depende da reta realização dessas duas funções do intelecto, como princípios para a ação e para a técnica em Santo Tomás.

## Considerações finais

Apresentada essa importante distinção, podemos concluir que o intelecto especulativo é um conhecimento importante e essencial, mas se trata de conhecer para conhecer. Entender o que é o bem, ou o bem de um determinado ente. O intelecto prático é um conhecimento que vai além, pois permite o homem saber o que é o bem para querer ou fazer o bem. É um conhecimento prático do bem verdadeiro.

Damos um exemplo: pensemos em um sujeito que está estudando a doutrina do matrimônio. Ele pode estar estudando apenas para conhecer ou para se casar. No primeiro caso, ele está buscando conhecer o bem do matrimônio por conhecer, para ter ciência. Na segunda hipótese, ele não quer apenas conhecer, mas quer conhecer para viver e se casar. Além disso, não há como aprofundar aqui, mas, esse conhecimento geral do matrimônio lhe dará condições de ser prudente no que diz respeito ao matrimônio, pois a prudência é

a aplicação deste conhecimento universal sobre o matrimônio, ao caso particular, ou seja, a sua vida. Pois, pela prudência, ele poderá eleger os melhores meios e condições para se casar, como escolher uma boa esposa, uma boa casa, uma boa profissão, etc. A linha é tênue, pois ambos conhecimentos são importantes para a vida da pessoa humana. Por meio do conhecimento especulativo, conhecemos para saber e do prático conhecemos para agir e fazer.

Por isso, com muita clareza, Santo Tomás, no Tratado da Bem-Aventura, como é conhecida a parte da Suma Teológica abordada na I-IIae, questões 1 a 5, ensina que os atos propriamente humanos são aqueles que têm por objeto um fim que se segue da apreensão da razão e que é buscado por meio do apetite da vontade livre. Ora, a razão conhece as coisas e seus fins, a vontade que move o homem, tem por objeto esses fins. Se a vontade move o homem, então devemos concluir, necessariamente, que todo homem age e é movido sempre em vista de um fim, pois a vontade é o apetite dos fins apreendidos pelo intelecto.

Sem a noção de fim, portanto, não haveria movimento apetitivo, que, no homem, é racional, é voluntário. Por essa razão, devemos admitir, que sem o ato do intelecto prático, o homem não se moveria por sua vontade para um fim universal e além do sensível, pois esse apetite racional é iluminado e esclarecido pelo ato do intelecto prático, que é ver o ente sob seu aspecto de bem e de fim. Logo, sem o ato do intelecto prático, não teríamos atos humanos e vida operativa propriamente humana.

## Referências

ABREU, Rafael de. *Introdução à psicoterapia tomista*. Osasco: Domine, 2023.

ARISTÓTELES. *De anima*. Apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006.

CALDERÓN, Álvaro. *Umbral de la Filosofía*. Cuatro introducciones tomistas. Mendoza: s. e., 2011.

ECHAVARRÍA, Martín Federico. *A práxis da psicologia e seus níveis epistemológicos segundo Santo Tomás de Aquino*. Rio de Janeiro: CDB, 2021.

GARRIGOU-LAGRANGE, Réginald. *El sentido común: la filosofía del ser y las fórmulas dogmáticas*. Buenos Aires: Desclée de Brouwer, 1944.

KALINOWSKI, Willian. *O intelecto e as virtudes intelectuais em Santo Tomás de Aquino*. Campinas: Contra Errores, 2023.

TOMÁS DE AQUINO, Santo. *Questões disputadas sobre a verdade*. Tradução Maurílio Camello. Campinas: Ecclesiae, 2023.

TOMÁS DE AQUINO, Santo. *Suma contra os gentios*. Tradução Dom Odilão de Moura. Campinas: Ecclesiae, 2017.

TOMÁS DE AQUINO, Santo. *Suma Teológica*. Tradução Aldo Vannuchi et al. São Paulo: Loyola, 2001-2006.

TOMÁS DE AQUINO, Santo. *O ente e a essência*. Tradução Carlos Arthur do Nascimento. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

TOMÁS DE AQUINO, Santo. *Cuestiones disputadas sobre el alma*. Traducción y notas Ezequiel Téllez Maqueo. 2. ed. Pamplona: EUNSA, 2001.

TOMÁS DE AQUINO, Santo. *A unidade do intelecto contra os averroístas*. Tradução Mário Santiago de Carvalho. Lisboa: Edições 70, 1999.

TOMÁS DE AQUINO, Santo. *Sententia libri Ethicorum*. Textum adaequatum Leonino 1969 edito. Disponível em: <https://www.corpusthomisticum.org/ctc0101.html> Acesso em: 4 abr. 2024.